

Rodoviária tem preços altos e não tem higiene

Joecir Secreta

Quem utiliza a Rodoviária de Vitória convive com problemas inexistentes nos terminais da maioria das capitais brasileiras. São papéis espalhados pelo chão, paredes e piso sujos, falta de higiene nos sanitários, sem falar da exploração comercial a que os usuários estão sujeitos. Não só pelos comerciantes locais — que chegam a cobrar Cr\$ 90,00 por um Cavalo de Aço — como pela própria Rodoviária, pois os passageiros pagam Cr\$ 29,00 por uma taxa de utilização sem que a eles seja dado qualquer conforto.

Atualmente, 30 zeladores trabalham em escalas de três turnos — contrariando o antigo sistema de dois — “o que tumultuou o serviço de limpeza” da Rodoviária, segundo explicação do superintendente, Carlos Rigo. Por sua vez, o chefe de serviços gerais, Custódio Lopes Soares, atribuiu a falta de limpeza da Rodoviária ao grande número de pessoas que estão viajando neste fim de ano, dando muito serviço para os zeladores, que não estão dando conta das tarefas”. Disse esperar que com a volta ao sistema de dois turnos, na próxima semana, se possa ter uma limpeza mais eficiente.

ESPERANDO O FIM DO ANO

Além dos papéis espalhados pelo chão, o piso está encardido, carecendo de ser lavado. Uma das zeladoras disse que a lavagem da Rodoviária é feita apenas uma vez por mês. De vez em quando, contou, “a gente joga água para tirar as manchas de café, refrigerante ou picolé que caem no chão. Mas lavar mesmo, só uma vez por mês”.

Contrariando a informação da zeladora, Carlos Rigo falou que a lavagem é feita duas vezes ao mês e que se agora o piso está sujo é porque se esperou a proximidade do fim do ano para lavá-lo, “pois assim os usuários a encorajariam limpa”. Apesar de as paredes dos prédios estarem sujas, o superintendente falou que “elas acabaram de ser pintadas”.

Uma outra zeladora, que preferiu não citar seu nome, comentou que com a presente distribuição dos turnos, “tornou-se mais difícil executar os trabalhos de limpeza” e fez uma crítica à administração. “Eles sabem que falta gente, mas não contratam ninguém. E ficam dando em cima da gente para que deixemos tudo limpinho. São 10 pessoas em cada horário, mas agora de 11 às 17 horas, só seis estão trabalhando, porque os outros estão de férias”.

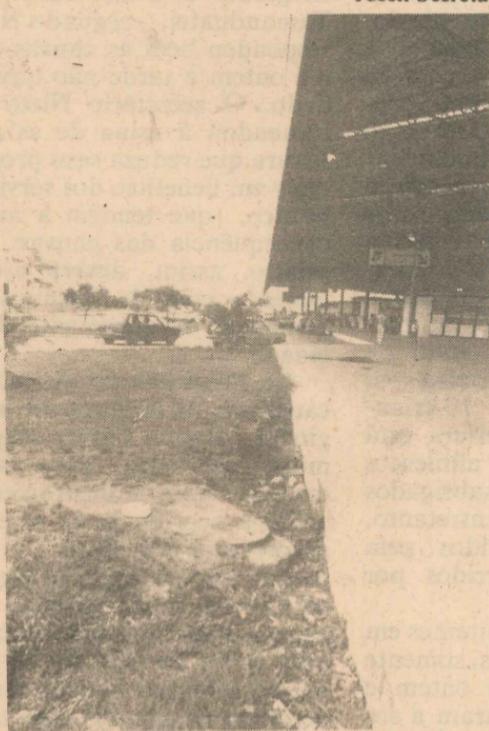
SANITÁRIOS

Uma rápida visita aos sanitários públicos basta para se constatar o desleixo com que são tratados. No feminino, estão imundos os azulejos das paredes, teias de aranha descem pelo teto, sacos de lixo empilhados à entrada, um de los vidros do espelho quebrado e o chão cheio de poças de água, sem falar do mau cheiro.

O que diferencia os banheiros “privados” dos públicos é apenas o pagamento da tarifa de utilização. Os Cr\$ 10,00 só isentam o usuário do mau cheiro, porque ali também há poças de água no chão e dentro de cada cabine os papéis estão mais fora que dentro dos vasos plásticos. Há apenas uma zeladora para tomar conta da roleta e realizar os trabalhos de limpeza, e muitas vezes, nas horas de grande movimentação, o sanitário é fechado para limpeza, causando sérios aborrecimentos a quem necessita usá-los.

FALTA DE VERGONHA

Para Heliomar Bahiense Gomes, ex-gerente da Viação Alvorada e atual administrador de empresas, residente em Brasília, “a situação da Rodoviária mostra uma total falta de vergonha por parte de seus administradores”. Esta



A lavagem é uma vez por mês

taxa de utilização — criticou — é uma falta de consideração para com os usuários. Ele paga e não tem nada. Não há limpeza, não há higiene nos sanitários, não há nada. O policiamento também é extremamente ineficaz, principalmente de madrugada. Chega-se aqui neste horário e se encontra um bando de desocupados que fazem daqui um albergue”.

Uma outra observação feita por Heliomar diz respeito aos preços cobrados pelas lanchonetes. “O preço que eles cobram é um absurdo. Um operário que está em trânsito aqui, está perdido. E se por acaso ele atravessa a rua para comprar um lanche num destes botequins da Vila Rubim, corre o risco de ser atropelado porque nesta pista de rolamento não há um guarda de trânsito”.

Tem fundamento sua observação no tocante à exploração. Só para exemplificar, na lanchonete Luigi o consumidor vai pagar Cr\$ 190,00 por um misto quente; Cr\$ 270,00 por um cheesburger; Cr\$ 70,00 por um pão com manteiga e Cr\$ 90,00 por um copo de leite grande. Na Cavalo de Aço, os preços não são menores — aliás, dependendo do alimento, paga-se até mais. Um misto está a Cr\$ 200,00; um hamburger, Cr\$ 230,00; um cheesburger, Cr\$ 250,00; um leite grande batido, Cr\$ 100,00; e um iogurte Yoplait também está a Cr\$ 100,00.

Estudante da 8ª série, de Cachoeiro de Itapemirim, Adriano Moraes Sandrini também fez comentários quanto à falta de limpeza da Rodoviária. A taxa cobrada só seria válida — argumentou — se houvesse limpeza mesmo. “Desde que você pague pela utilização, você tem que ver o resultado. E um deles é a limpeza”.

TAXA É EXPLORAÇÃO

Queixas sobre a falta de limpeza partem também dos comerciantes da Rodoviária. Eles pagam, entre outras, a de manutenção — que implicaria também a de limpeza dos prédios, o que não ocorre há mais de dois anos, segundo comentou o gerente do salão Avenida, Juvaldir Rigo. “Todos nós — explicou — pagamos Cr\$ 1.106,00 pela taxa de manutenção, tendo direito à limpeza dos vidros externos e à dos luminosos. Mas se quisermos vê-los limpos, temos que pagar Cr\$ 1 mil às zeladoras. Não sou contra a cobrança da taxa, mas acho que eles deveriam cumprir com o que está estipulado.

Para José Francisco Ceglias, proprietário da banca de livros e revistas Narbal, a taxa de manutenção “é mais uma exploração do Governo, que quer tirar tudo do cidadão sem dar nada em troca. Pagar a gente paga, religiosamente, mas troco não tem. Eles alegam que a taxa é para consertar instalações, defeitos em luminosos e outras coisas mais. E a limpeza, onde fica?”